nacionais se mantenham nos níveis atuais, 20% inferiores aos da mesma época do ano passado, o valor total das exportações brasileiras de cacau não deverá ultrapassar o patamar de US$ 800 milhões, ficando 16% abaixo do obtido em 1979.

CAFÉ

US$ 3 bilhões: um objetivo difícil para 1980

O IBC anunciou há aproximadamente dois meses, que o Brasil exportaria 15 milhões de sacas de café em 1980. Algumas semanas depois, esta meta foi oficialmente cancelada. As autoridades passaram a afirmar, apenas, que o país faria, este ano, um grande esforço de vendas, objetivando aumentar sua participação no mercado internacional e maximizar a receita de exportações de café.

Evidentemente, esta modificação de retórica pretende reduzir os efeitos baixistas decorrentes de um comportamento mais agressivo que o Brasil desenvolverá no mercado internacional. O anúncio da quantidade adicional que se deseja vender (mais 3 milhões de sacas do que em 1979); poderia ser considerado um indicador da disposição do país de renunciar à política de sustentação de preços. Em um mercado especulativo como o do café, quanto menos informações os demais participantes dispuserem a respeito de uma estratégia de vendas que se deseja implementar, maior a possibilidade de sucesso desta estratégia.

Assim, com a nova retórica, as informações realmente relevantes não ficam esclarecidas, pois se restringem a uma afirmação bastante vaga sobre um "grande esforço de vendas". E, uma vez definido o quadro estatístico do mercado, que aponta para uma situação de relativa estabilidade, as políticas de comercialização dos países participantes dos negócios com o café poderão determinar as tendências de preço a curto e médio prazos. Neste sentido, a coesão dos países produtores em torno do Grupo de Bogotá, e a forma pela qual o IBC tentará viabilizar a exportação da quantidade pretendida, são fatores de suma importância para a definição do comportamento futuro das cotações. Os acertos e erros que o Brasil e o Grupo de Bogotá cometerem, principalmente até meados de maio próximo, quando novamente as cotações serão influenciadas pelo risco de geadas no Brasil, determinarão as receitas de exportação dos países produtores em 1980.

O comportamento surpreendente das cotações do café a partir de maio do ano passado decorreu, justamente, de alguns desacertos dos principais países produtores (ver Agroanalysis, vol. 3 nº 9). Da mesma forma, os resultados pouco animadores das exportações de café do Brasil, em 1979, foram conseqüência de desacertos idênticos, demonstrando o perigo da indefinição de uma estratégia de vendas, principalmente quando o mercado está equilibrado.

Em maio, as cotações estavam oscilando pouco acima de US$ 1,50/lb-peso (ver Gráfico 1) quando, no final do mês, algumas regiões produtoras do Brasil foram atingidas por geadas. A resposta à incerteza quanto à extensão dos danos provocados pela geada foi imediata. Em junho, os preços aumentaram continuamente e romperam a barreira dos US$ 2,00/lb-peso.

A expectativa no mercado, na época, era de que as cotações se sustentariam acima daquele patamar até o início de agosto e, na medida em que fosse ultrapassado o período de maior risco de geadas, declinariam continuamente. Esta hipótese de comportamento dos preços era ainda reforçada pelo fato de que os importadores não poderiam se ausentar do mercado nos meses de frio, em função dos níveis reduzidos de seus estoques. Nos últimos anos, os importadores vêm adotando a prática de antecipar para abril, maio, e primeiros dias de junho, suas compras relativas a junho e julho. Isto porque, a partir de meados de maio até meados de agosto. o mercado apresenta-se

ainda mais nervoso do que habitualmente. Basta uma notícia referente à aproximação de uma massa fria das regiões produtoras brasileiras para provocar elevação substancial nos preços. No ano passado, contudo, a geada ocorreu antes que os importadores pudessem formar estoques. Assim, foram obrigados, a permanecer no mercado mesmo com os preços em forte ascensão.

No entanto, em julho, as cotações voltaram a declinar. A média semanal do primeiro futuro em Nova Iorque, na primeira semana de julho situava-se em US$ 2,1135/lb-peso, caindo para US$ 2,0041/lb-peso na última semana do mês. Em agosto, quando era esperado o início da queda dos preços, estes se elevaram, recuperando, com sobras, as perdas do mês anterior. Em setembro, segundo as previsões, o preço em Nova Iorque já deveria estar abaixo de US$ 2,00/lb. No entanto, a média das cotações da segunda semana daquele mês atingiu o nível recorde do período (US$ 2,2218/lb).

Este comportamento inesperado das cotações pode ser explicado por alguns desencontros das políticas de vendas dos principais países produtores. Em julho, alguns exportadores, tentando tirar proveito dos preços elevados, aumentaram de forma substancial suas vendas. Em agosto e setembro, ao contrário do previsto, o Brasil, que precisava vender café para alcançar a meta de exportar em 1979 entre 13 e 14 milhões de sacas, praticamente se limitou a procurar compradores para as vendas "frias", registradas no início de junho. Contribuiu também para a sustentação dos preços a participação bastante ágil do Grupo de Bogotá no mercado.

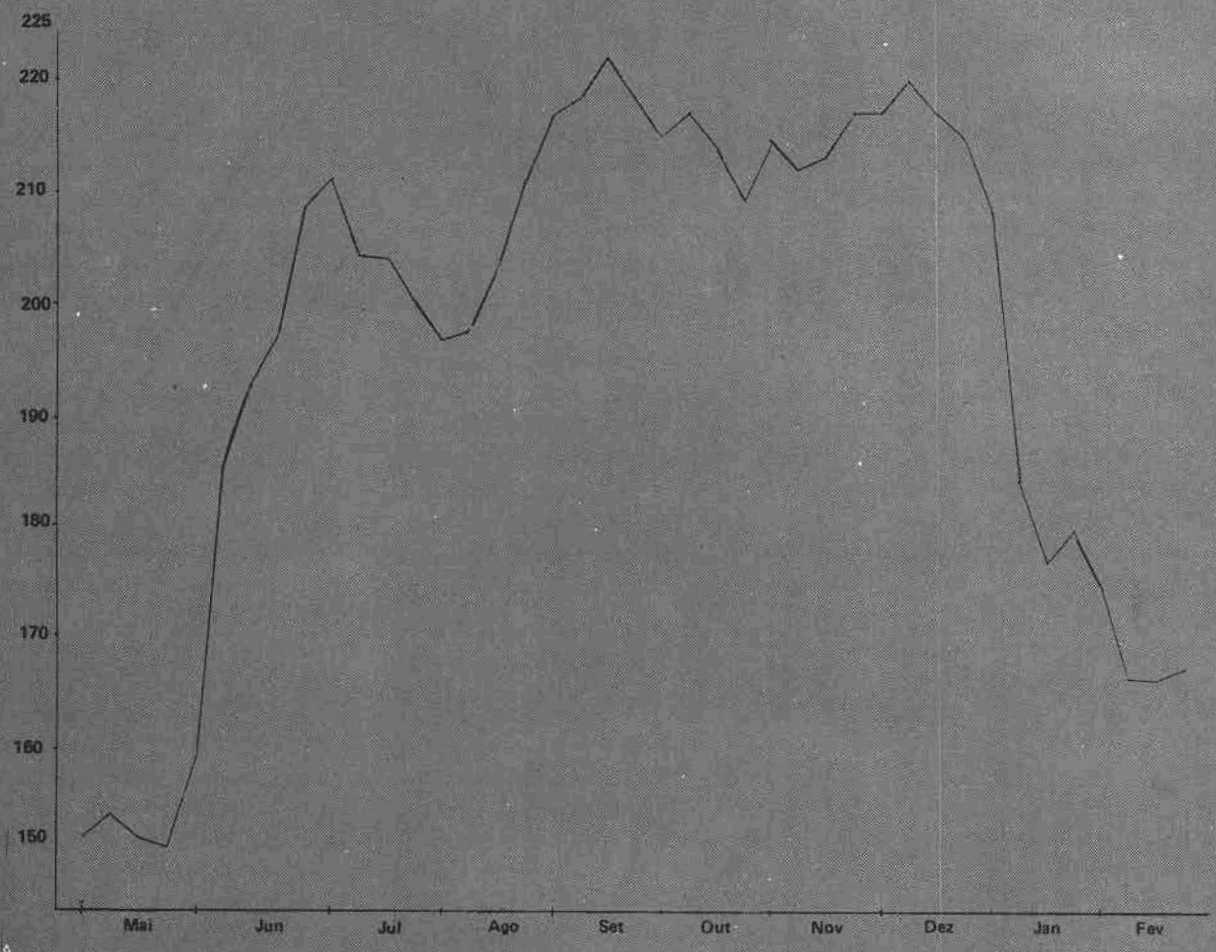
Em outubro e novembro, quando o Brasil era o único exportador em condições de vender grandes quantidades de café, o IBC manteve seu preço mínimo de registro elevado em níveis irreais. Este artifício de sustentação de preços internacionais, de que o Brasil em geral lança mão, só traz resultados positivos para o país em condições bastante especiais. Embora o objetivo inicial (sustentar os preços internacionais) normalmente seja atingido, este fato só beneficia o país quando a restrição de oferta é grande o suficiente para provocar uma elevação das cotações até o nível em que o Brasil se disponha a vender. Isto só é conseguido quando os demais exportadores não detêm estoques suficientes para fazer frente às necessidades imediatas das torrefadoras, ou quando aqueles países se dispõem também a reduzir suas vendas. Quando uma ou outra dessas condições não se verifica, os importadores restringem suas compras e esperam o momento em que o Brasil voltará ao mercado. Isto, porque a aquisição de café ao preço de registro brasileiro pode significar grande prejuízo, uma vez que é possível que, dias após o fechamento do negócio, o IBC reduza seu preço pela necessidade de dinamizar as vendas. Em outubro e novembro, enquanto o Brasil sustentava as cotações em níveis elevados, outros países vendiam o máximo possível de café. Ao Brasil restou apenas a saída de conceder descontos em dezembro para não ver frustrada sua segunda meta de exportação anunciada em 1979 (12 milhões de sacas), preservando, a duras penas, sua condição de maior exportador mundial. A partir do anúncio dos descontos do Brasil, as cotações declinaram continuamente, situando-se, em fevereiro, em nível pouco superior a US$ 1,60/lb.

Além disso, dois outros fatores contribuíram também para a queda dos preços em dezembro e janeiro: a situação de pouca liquidez financeira que o Grupo de Bogotá atravessava, impedindo que as intervenções em bolsa continuassem a ser empreendidas; e a divulgação das estimativas de produção do Brasil relativas às safras 1979/80 e 1980/81.

Após a geada de maio de 1979, o IBC estimou as colheitas das safras 1979/80 e 1980/81 em 19,5 e 19,0 milhões de sacas, respectivamente. Em fins de dezembro, a autarquia alterou suas previsões, fixando-as em 21,6 milhões e 21,2 milhões. Estas correções aumentaram em 4,3 milhões de sacas a disponibilidade brasileira para as duas estações, o que afetou negativamente as cotações internacionais.

GRÁFICO 1

CAFÉ – COTAÇÕES MÉDIAS SEMANAIS – 1º FUTURO
(BOLSA DE NOVA IORQUE)
1979



Agroanalysis, 4(3): 3-19,
março 1980

Quanto à colheita prevista para 1980, a quantidade a ser obtida dependerá não só do comportamento do clima, principalmente no período maio-julho, mas também da atitude do produtor em relação aos tratos culturais da lavoura. É sabido que a cafeicultura brasileira atravessa uma conjuntura de baixa rentabilidade. Uma situação que decorre, segundo alegam alguns produtores, da elevada participação percentual do confisco cambial no preço de exportação do café. Mas, na verdade, a má performance das vendas externas do Brasil, nos últimos meses, parece explicar melhor a questão.

A partir do início de janeiro, o preço interno do café vêm-se elevando lentamente, em conseqüência do grande volume exportado em dezembro, que obrigou os exportadores a aumentarem seu ritmo de compras para refazerem estoques. A partir do anúncio da redução do preço de oferta do café brasileiro (redução do preço de registro e concessão de descontos), a evolução das cotações em cruzeiros ganhou novo impulso. Nos últimos dias, uma saca de café vem sendo vendida acima de Cr$ 4.200,00.

Esta reativação dos negócios, provavelmente, reanimará o agricultor no sentido de realizar tratos culturais e de recorrer à adubação, apesar dos custos sempre crescentes dos fertilizantes.

Considerando-se as novas previsões do IBC, a disponibilidade interna de café no início de janeiro de 1980 situou-se em aproximadamente 18,5 milhões de sacas. Supondo que se confirme a atual previsão de produção para 1980/81 (21,2 milhões) e que as metas de exportação (15 milhões de sacas) e de consumo interno (6,8 milhões) se concretizem, a disponibilidade brasileira em janeiro de 1981 será da ordem de 17,9 milhões. Esta quantidade será suficiente para fazer frente aos compromissos de exportação e de consumo interno até a colheita da safra seguinte, quando o estoque remanescente será da ordem de 7 milhões de sacas, supondo mantidas as mesmas metas em 1981. Assim, a disponibilidade do produto não deverá constituir entrave ao aumento das exportações.

O quadro internacional, embora não aponte para uma situação de escassez, também não pode ser visto como de oferta abundante. Segundo a OIC, a produção mundial exportável do ano civil de 1980 é da ordem de 62,78 milhões de sacas, nível este levemente superior ao de 1979 (62,36 milhões de sacas). Por sua vez, a recuperação do nível de consumo internacional continua-se efetivando a taxas satisfatórias, embora a tendência à redução do consumo per capita ainda perdure. Segundo informações da empresa Gordon Paton, as importações norte-americanas (19,4 milhões de sacas de 60 kg de café verde em 1979) aumentaram cerca de 1,3 milhão de sacas em relação ao nível de 1978. As importações de café solúvel dos EUA, após declinarem em 1977 e 1978, atingiram, em 1979, nível muito próximo ao de 1976.

O quadro interno parece indicar que o pretendido aumento das vendas, a menos que ocorram problemas climáticos, como geadas, não encontrará dificuldades maiores a nível da produção interna. Quanto ao mercado mundial, salvo eventualidades climáticas ou problemas políticos em países produtores, a perspectiva é de relativo equilíbrio entre oferta e demanda, ao longo do ano que se inicia. Nestas condições, a tendência das cotações dependerá basicamente da atuação dos principais países exportadores no mercado.

Neste contexto, e tendo em vista a ambiciosa meta de receita de exportação (acima de 3 bilhões de dólares), torna-se imperioso que as autoridades governamentais definam, com toda cautela, a estratégia de vendas do Brasil para 1980. Os contratos de fornecimento firmados recentemente entre o IBC e duas empresas norte-americanas, apesar de animadores, pois montam a 2 milhões de sacas, não são ainda suficientes para compensar a má performance verificada em janeiro e fevereiro. As quantidades negociadas e o anúncio de que os descontos serão concedidos a todos os importadores, possivelmente atuarão como fator de promoção de novos negócios.

A nova sistemática de descontos estabelece, segundo se afirma no mercado, que os importadores receberão, a cada compra, avisos de garantia, que serão descontados na aquisição seguinte. Se realmente esta informação procede, o IBC deverá conseguir minimizar os efeitos baixistas da adoção da sistemática de descontos, a curto prazo.

Esta questão merece destaque, já que é de suma importância para os países exportadores a sustentação de preços até o início do inverno no Brasil. Esta sustentação precisará ser promovida artificialmente até abril-maio, quando a demanda será aquecida pela necessidade de formação de estoques nos países importadores que buscarão um relativo afastamento do mercado no período maio-julho. Nesta época, o risco de geadas no Brasil normalmente empresta aos negócios um nervosismo especial, situação que facilita em muito a tarefa de sustentar as cotações internacionais. No entanto, ainda será necessário grande esforço por parte dos exportadores para manter estáveis os preços até abril.

O sucesso desta empreitada dependerá principalmente do acerto com que se processem as intervenções do Grupo de Bogotá, cuja experiência, em 1979, mostrou-se satisfatória. Do ponto de vista do Brasil, no entanto, é possível que algumas modificações referentes à forma de sua participação no Grupo, permitissem maiores benefícios. Isto porque a participação financeira do Brasil no Fundo é elevada e o grau de controle do país sobre suas atividades não parece proporcional àquela participação. Adicionalmente, a sustentação dos preços do café robusta, em Londres, e do café de procedência latino-americana (exceto Brasil), em Nova Iorque, conforme promovida pelo Grupo de Bogotá, ampara apenas de forma indireta o preço do café brasileiro. Talvez seja interessante a reativação do contrato B, em Nova Iorque, que seria sustentado pelo Brasil, com recursos do Grupo de Bogotá. Esta modificação exigiria, no entanto, que o IBC renunciasse, até certo ponto, às atuais fórmulas de controle do mercado.

De qualquer forma, a meta brasileira de obter, em 1980, mais de US$ 3 bilhões com as exportações de café, não parece de fácil concretização, a menos que se verifiquem significativas modificações na oferta internacional do produto. Mesmo que o Brasil consiga vender 15 milhões de sacas, como inicialmente anunciado, teria ainda que alcançar um preço médio de US$ 200,00 por saca exportada (ou US$ 1,5119/lb). Até abril, caso não se verifique um agravamento da atual situação política de alguns países produtores, as cotações deverão situar-se entre US$ 1,50 e US$ 1,70/lb. Após o inverno, a tendência dos preços deverá ser declinante, se não ocorrer uma geada no Brasil ou qualquer outro fator capaz de modificar significativamente o quadro de oferta do produto. Portanto, a meta de receita de exportação não será facilmente atingida. Sua concretização, contudo, não é de todo impossível, embora venha a requerer, das autoridades brasileiras, grande habilidade na condução das negociações das vendas e no exercício da liderança entre os países produtores. ✱

CARNE

Consumo declina com a alta dos preços

A principal causa da estabilidade das cotações da carne bovina na presente safra decorre da incompatibilidade entre o nível alcançado pelos preços do produto e o atual poder aquisitivo do consumidor. Na verdade, a resposta do consumo às condições adversas de preços antecedeu as manifestações de boicote deflagradas neste início de ano. Pesquisas diretas da imprensa e de agências especializadas constataram que a retração da demanda de carne bovina já ocorria no primeiro semestre de 1979.

Em termos nominais, os preços médios de atacado das carnes de primeira e segunda qualidades evoluíram